

Curso Básico sobre o Carisma Missionário Franciscano

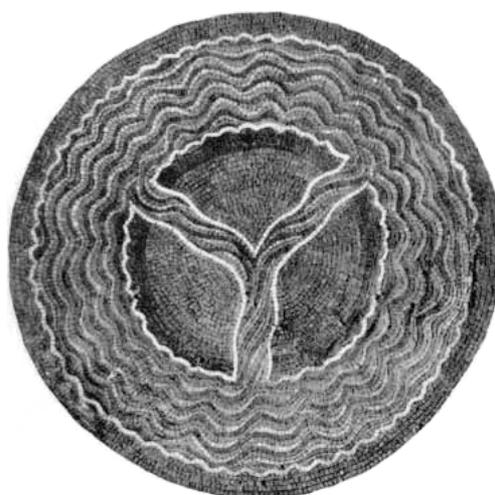


A missão franciscana nas primeiras fontes



Lição 7

Curso Básico sobre o Carisma Missionário Franciscano



A missão franciscana nas primeiras fontes



Lição 7

Copyright

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Maria Crucis Doka OSF, Patricia Hoffmann,
Margarethe Mehren OSF, Andreas Müller OFM,
Othmar Noggler OFM^{Cap} e Anton Rotzetter OFM^{Cap}

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Renato Kirchner

Para a aquisição desta lição ou de outras, favor entrar em contato com:



**FAMÍLIA FRANCISCANA
DO BRASIL**

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0 24) 242.5247 e 242.1300

FAX (0 24) 242.7644

Email ffb@comupand.com.br

Página 2

A missão nas primeiras fontes - Lição 7



Índice

missão franciscana nas primeiras fontes

Texto das Fontes	5
Como Francisco enviou os primeiros irmãos pelo mundo	
I. Introdução	7
II. Visão de conjunto	8
III. Informação	9
1. O contexto histórico	9
2. As viagens missionárias de Francisco	10
3. O „estatuto missionário” franciscano	11
3.1. Andar pelo mundo sem rixas e disputas	12
3.2. „Submeter-se a todas as criaturas por causa do Senhor”	12
3.3. Anunciar „... quando o julgarem agradável ao Senhor”	13
3.4. Anunciar a Palavra de Deus	14
3.5. Batismo ou rejeição?	15
4. Conseqüências do ideal missionário franciscano	15
4.1. Sinais ecumênicos	16
4.2. Unidade de vida e de missão	17
5. Conclusão	19
IV. Exercícios	21
V. Aplicações	27
VI. Bibliografia	28
VII. Legendas das ilustrações	31







Texto das Fontes

Como Francisco enviou os primeiros irmãos pelo mundo

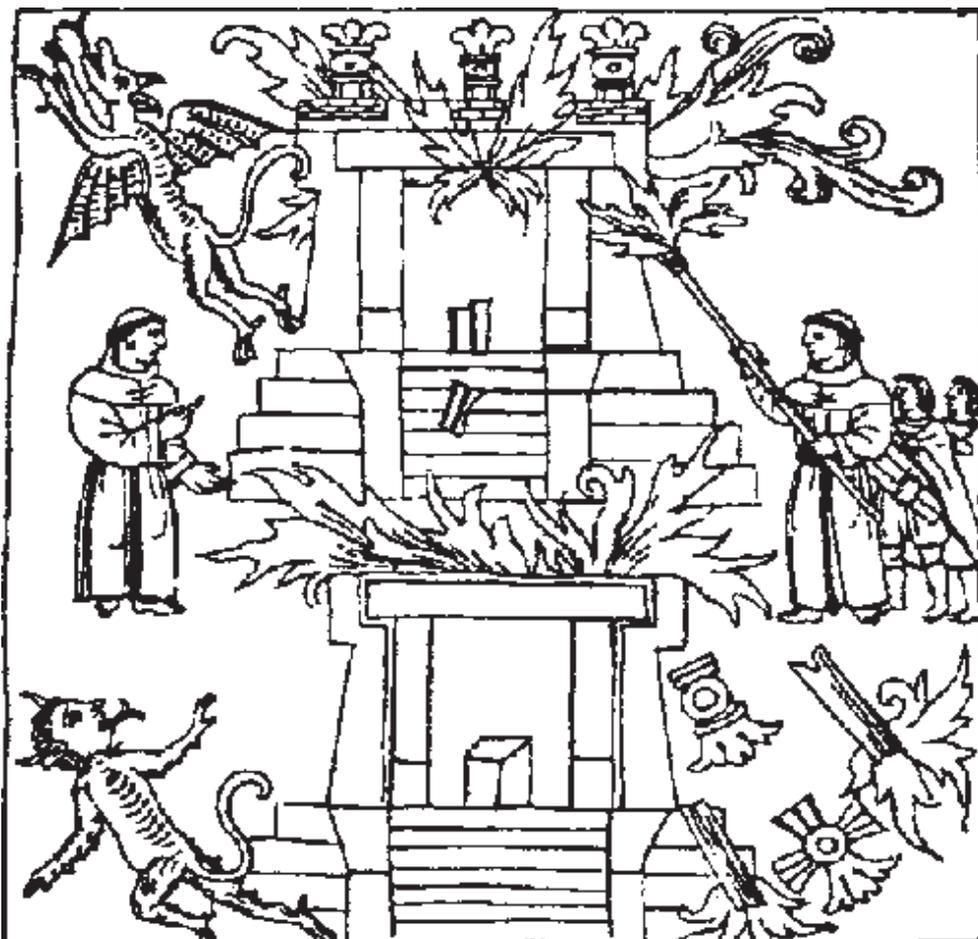
Poggio Bustone é um lugar bellissimo com vista sobre o vale de Rieti, de onde é possível ver muito longe. Tem-se a impressão de ter o mundo inteiro aos pés.

Num certo dia, Francisco chegou a este lugar acompanhado pelos primeiros sete irmãos que se juntaram a ele. Ao contemplar a vasta planície a seus pés, ficou intimamente convencido: Fomos enviados ao mundo inteiro. Então chamou-os todos a si e tendo-lhes falado muitas coisas sobre o reino de Deus e a vocação que devia animá-los, separou-os dois a dois em quatro grupos e lhes disse: „Ide, caríssimos, dois a dois, por todas as partes do mundo, anunciando aos homens a paz. Sede pacientes na tribulação, confiantes que o Senhor vai cumprir o que propôs e prometeu. Aos que vos fizerem perguntas respondei com humildade, aos que vos perseguem abençoai, aos que vos injuriarem e caluniarem agradecei.”

Recebendo o mandato da santa obediência com gáudio e muita alegria, eles se prostraram suplicantes diante de São Francisco. Ele os abraçava e dizia com ternura a cada um: „Põe teus cuidados no Senhor e ele cuidará de ti.”

Em seguida, Frei Bernardo e Frei Egídio foram para São Tiago de Compostela. São Francisco com um companheiro escolheu outra região, e os outros quatro foram dois a dois para os lados que restaram (1Cel 29-30).





Na província de Tlaxcala, templos idólatras são incendiados e queimados por frades e espanhóis, enquanto os nativos (índios) lamentam o acontecido



Introdução I.

Em muitas regiões, o termo „missão” vem carregado de uma conotação negativa

- Para muitos, „missão” não significa outra coisa senão uma forma do imperialismo euro-americano. De fato, não se fez distinção suficiente entre a imagem alegre do Evangelho e as expressões que esta mensagem recebeu na Europa. Junto com o Evangelho, foi imposta às igrejas da Ásia, da África e da América Latina como também à civilização surgida respectivamente na Europa ou na América do Norte. Entretanto, que „missão”, no seu sentido autêntico, significa bem outra coisa, já foi demonstrado na Lição 6.

- Até hoje, aquilo que se costuma entender por „missão” adquiriu quase o mesmo aspecto em toda a parte. As diversas Ordens missionárias mal se distinguem uma da outra. Trata-se sempre da instalação de postos missionários, da construção de igrejas e escolas, da difusão do Cristianismo pela pregação e pela administração dos sacramentos. Convém perguntar, no entanto, se – em princípio – uma compreensão tão uniforme e pouco diferenciada daquilo que caracteriza uma „missão” seria correta e justificável. O Concílio Vaticano II exortou as Ordens a refletirem sobre suas origens. Isso inclui a questão de como devem entender sua atuação missionária.

- Também os vários ramos da família franciscana – na maioria dos casos – mostraram o mesmo conceito homogêneo de „missão”, apesar de Francisco ter deixado, através dos seus escritos e de sua vida, uma compreensão bem diferente que, na maioria das vezes, ficou esquecida no decorrer do tempo. No seu tempo, ao recorrer ao Evangelho, Francisco colocou um novo início (= „principium”), aplicando também novos critérios, ou seja, princípios próprios para um movimento missionário especificamente franciscano. Suas idéias se cristalizaram num capítulo da Regra (cf. RegNB 16; RegB 12).

Um seguimento conseqüente e fiel das intuições de São Francisco, no que se refere à sua compreensão da tarefa missionária, teria evitado certas injustiças que feriram a sensibilidade de muitos povos, fazendo-os sofrer até hoje as conseqüências de seus traumas. Igualmente, teria deixado aberto o caminho para que as várias igrejas locais pudessem desenvolver dimensões culturais próprios.

Da culpa do passado nasceu a obrigação moral de reparar as faltas cometidas, assim como o dever de dar apoio às igrejas jovens do Hemisfério Sul para que consigam a sua independência espiritual e material. Evidentemente, os missionários antigos estavam marcados pela mentalidade colonial do seu tempo. Porém, isto não pode servir de desculpa, pois já havia entre eles missionários que compreenderam o alcance da visão profética do Evangelho. Hoje, a tentativa de reparar os erros do passado nos obriga a retornarmos lealmente ao carisma missionário original que Francisco nos legou.





Visão de Conjunto

II.

conceito missionário de Francisco

O conceito missionário de Francisco se entende somente quando colocado no contexto da época em que viveu.

Por este motivo, vamos começar procurando reconstituir o contexto de sua época, sobretudo a atitude da Igreja para com os muçulmanos e, então, a originalidade de Francisco se evidenciará. Desde o início, ele se considerava um missionário. Em consequência, fez várias tentativas para entrar em regiões consideradas terras de missão, ou seja, desejava ir entre os „sarracenos”, como eram chamados os islâmicos. Durante seu encontro com o sultão do Egito, Malek al-Kamil, um homem tolerante e aberto ao diálogo, Francisco fez uma experiência tão fundamental que decidiu transformá-la em norma para todos os irmãos (e irmãs) que iriam segui-lo. Escreveu um „estatuto missionário” que até hoje não perdeu nada de sua força revolucionária. Uma vez que cada frase deste estatuto tem um significado especial, procuraremos analisá-lo a fundo. Finalmente, focalizaremos, também, as consequências imediatas do encontro de Francisco com o Islã.



Informação III.

contexto histórico

1.

Francisco viveu na época das Cruzadas que tinham sido provocadas pela conquista da Terra Santa pelos povos islâmicos. Sob a liderança do papa, o Ocidente cristão se sentiu obrigado a reconquistar a Terra Santa para a Cristandade. Neste intuito, o Papa Inocêncio III convocou a V Cruzada, em 1213, sob o lema: „*Tomai a cruz sobre vós e segui-me!*” Estava convencido de estar obedecendo a uma inspiração divina. Queria que todos se juntassem à Cruzada ou pessoalmente, ou ainda servindo a causa das Cruzadas doando seus bens. Para este fim, Inocêncio III escreveu cartas a líderes políticos e religiosos, a reis e príncipes, a arcebispos e abades, a teólogos, pregadores, clérigos e leigos.

Em 1215, o IV Concílio do Latrão serviu ao mesmo objetivo. Os teólogos fundamentaram as Cruzadas com citações bíblicas ou dogmáticas. Pregadores públicos foram obrigados a sensibilizar seus ouvintes para as intenções da Cruzada. Mosteiros venderam cálices de ouro ou prata, para financiar o equipamento de navios ou para pagar as despesas dos cruzados. Os fiéis colocaram seus bens à disposição, para que os inimigos fossem vencidos e forçados a recuar. Quem doava seus bens para financiar a Cruzada recebia indulgências da Igreja.

Na sua carta pastoral *Quia Maior*, o papa chama Maomé de „*impostor*” e „*primogênito de Satanás*” que espalha tradições supersticiosas. Declarou também que o Alcorão, em vez de ser o livro de Deus, na realidade não era outra coisa senão um „*véu de escuridão*”, cuja tradução deveria servir unicamente para refutá-lo.

Os enormes esforços feitos acarretaram resultados contraditórios. Damietta foi reconquistada, mas 6.000 cruzados, sobretudo espanhóis, perderam a vida. Entre 30.000 e 60.000 muçulmanos foram trucidados. Enfraquecidos pela fome, os habitantes de Damietta foram incapazes de sepultar os inúmeros corpos caídos nas ruas da cidade. Os cruzados saquearam sem remorso ou piedade: ouro e prata, jóias e tecidos, roupas e víveres. Os jogos de azar e a prostituição prosperaram.



Chegada dos romeiros em Damietta



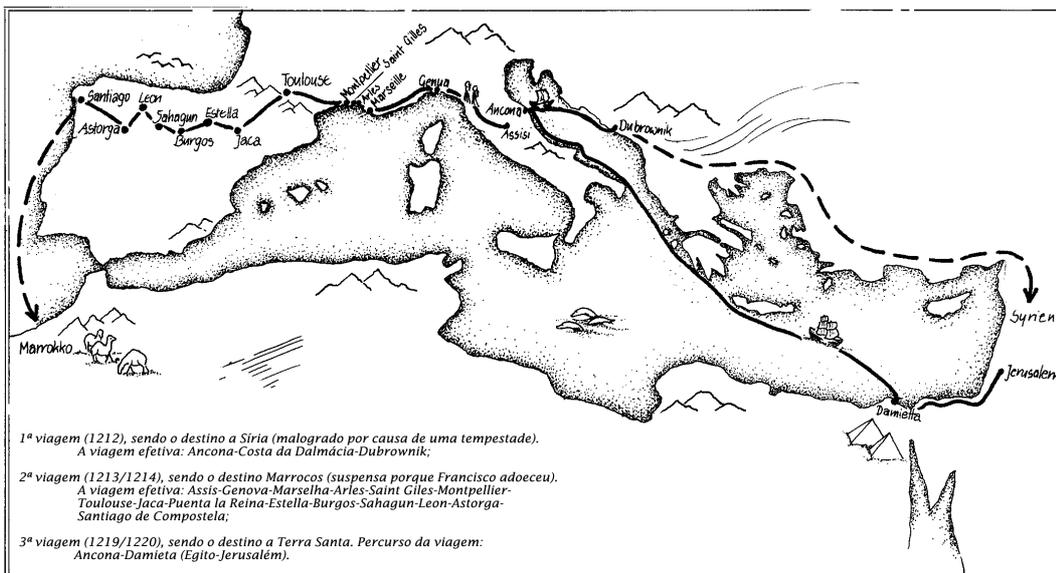


s viagens missionárias de Francisco

2.

Desde o início, Francisco se considerava um missionário. Isto não é para se admirar, pois sentiu-se tocado em seu íntimo pelas palavras de Jesus ao enviar seus discípulos (cf. Mt 10). Pois essas mesmas palavras tiveram para ele um significado muito especial, determinando sua forma de vida. Por isso, viajava de um lugar para outro na Itália, a fim de conclamar homens e mulheres para a fé em Deus e para uma vida conforme o Evangelho. A mesma coisa desejava realizar entre os povos que ainda não acreditavam em Cristo.

Seis anos após sua conversão (1212), Francisco pretendia ir à Síria, para pregar aos sarracenos (= muçulmanos). Por causa de uma tempestade o navio em que viajava foi jogado nas costas da Dalmácia (cf. 1Cel 55). Pouco tempo depois, na companhia de Frei Bernardo, pôs-se a caminho do Marrocos, atravessando a França e a Espanha (cf. 1Cel 56). Mas, na Espanha, foi acometido por forte ataque de malária e teve que regressar. Fracassou, pois, também esta segunda viagem missionária.



Mas Francisco não desistiu da idéia de uma missão ao Islamismo. Em 1219, no capítulo de Pentecostes, falou a respeito deste projeto a cerca de 3.000 irmãos presentes. Ficou decidido o envio de irmãos para a Tunísia e do Marrocos. O próprio Francisco escolheu ir ao Egito. Com alguns confrades, tomou um dos navios destinados a levar reforços aos

cruzados em Damietta. Desse modo, em julho ou agosto de 1219, chegou ao Egito. Notando o desregramento no acampamento dos cruzados, bem como o espírito de rixas e a avareza dos mesmos, Francisco ficou persuadido de que não se tratava, aqui, de uma „guerra justa”. Tentou, então, convencer os soldados e o chefe da Cruzada, Cardeal Pelágio Galvon, a fazerem um armistício e a aceitar a oferta de paz da parte do sultão Malek al-Kamil. Mas a política de poderio dos cristãos não admitia nenhuma intromissão. Fez-se tudo para obter uma vitória completa. A 29 de agosto, um exército muçulmano atacou os cruzados: 6.000 foram mortos. Somente após essa derrota é que o Cardeal permitiu ao Poverello visitar o sultão, mas por próprio risco.

Acompanhado por Frei Iluminado, Francisco atravessou a terra de ninguém entre os acampamentos militares e chegou ao sultão (cf. LegM 9,8). Como testemunha confiável, Jacques de Vitry descreveu esse encontro: *„Durante vários dias, o sultão escutou atentamente a Francisco, que pregava a ele e a seus homens a fé em Cristo. Mas ele acabou por temer que alguns do exército se convertessem ao Senhor pelo poder das palavras dele e passassem para o exército cristão. Por isso, ele ordenou reconduzi-lo ao acampamento cristão, com todas as honras e com escolta segura. Ao despedir-se, disse-lhe ainda: ‘Reza por mim, para que Deus me revele propício a lei e a fé que lhe agradam’”* (HistOcc 32).

Francisco, evidentemente, causou impressão. Mas não atingiu propriamente, o fim visado. Não conseguiu nem o martírio desejado, nem a esperada conversão do sultão, nem a paz entre cristãos e muçulmanos, pela qual ele já antes havia se empenhado. Não conseguiu absolutamente nada com sua nova idéia de uma cruzada sem armas. Mas a maneira como se apresentou ao sultão, constituiu-se em começo de uma nova práxis, um sinal profético para um novo modo de proceder. Francisco vivia o Evangelho: a tolerância e a franqueza, sem deixar de anunciar o Evangelho também explicitamente. Nesse aspecto, ele próprio é igualmente a „forma minorum” (= forma dos menores), ou seja, o princípio formador dos frades menores.



„estatuto missionário” franciscano

3.

Um fruto do encontro de Francisco com o mundo islâmico é o capítulo 16 da Regra Não-Bulada, que hoje talvez pudesse ser chamada de „estatuto missionário”. Esse estatuto encerra a idéia original missionária de São Francisco de Assis, endereçado em primeira instância aos seus próprios irmãos, mas – vista a partir de hoje – dirigindo-se tam-



bém às comunidades franciscanas na sua totalidade:

„Os irmãos que partirem poderão proceder de duas maneiras espiritualmente com os infieis: O primeiro modo consiste em absterem-se de rixas e disputas, submetendo-se ‘a todos os homens por causa do Senhor’ (1Pd 2,13) e confessando serem cristãos. O outro modo é anunciarem a palavra de Deus quando o julgarem agradável ao Senhor: que creiam no Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, Criador de todas as coisas; no Filho, Redentor e Salvador; e se façam batizar e se tornem cristãos, porquanto ‘quem não nascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino dos céus’ (Jo 3,5)” (RegNB 16,5-10).

Andar pelo mundo sem rixas e disputas

3.1.

Quem se propõe seguir a Francisco, tem que „andar pelo mundo” (RegNB 14) como irmão, sem se enaltecer sobre ninguém, mas de modo humilde e sempre disponível. Os irmãos não devem ter outra intenção senão trazer a paz de Cristo. Não têm que se gabar, nem se apropriar coisa alguma. De modo semelhante, devem se comportar aqueles que vivem entre os sarracenos. „Minoridade” e „fraternidade” são para eles o caminho para alcançar a paz e, conseqüentemente, também a maneira de seu engajamento missionário. Sua preocupação pela paz no mundo os ajuda a descobrir como têm que viver entre muçulmanos e pessoas de outras convicções religiosas para lhes anunciar o Evangelho. Anunciam a palavra de Deus *„mais pelo seu exemplo que por palavras”* e, sobretudo, sem disputas e polêmicas. Seu estilo de vida, próprio a pregadores ambulantes, imita as andanças missionárias de Jesus.

„Submeter-se a todas as criaturas por causa do Senhor”

3.2.

O núcleo da espiritualidade franciscana consiste nesta atitude: „ser submisso a toda a criatura”. Essa atitude caracterizou Francisco, desde a Regra Não-Bulada até seu último escrito, o Testamento: *„éramos iletrados e nos sujeitávamos a todos”* (Test 19). Os irmãos foram e continuam sendo chamados a tratar com todos os seres humanos e toda a criação de maneira nova. Para eles, estruturas hierárquicas que se apoiam em autoridade, poder ou exploração, não têm valor nenhum. Resolveram escolher para si atitudes de bondade amável, respeito mútuo e igualdade fraterna. Esta decisão influenciou na escolha de suas tarefas, seu modo de agir e seus contatos fraternos.

A decisão de *„submeter-se a todos”* determinou de modo essencial a compreensão do sentido missionário e seu procedimento face aos sarracenos. Em vez de engajar-se para submetê-los ao poder político do Ocidente, os irmãos são admoestados a se submete-



rem, por sua vez, aos sarracenos. Como cristãos, terão que partilhar sua vida, seu trabalho e seus alimentos com outros. Seguindo estas instruções, eles se comportaram de modo contrário às leis da Igreja do seu tempo, que proibiam os cristãos de servirem aos infiéis.

Mais uma observação a respeito da fórmula „*por causa de Deus*”. Essa expressão tem a ver com a experiência de Deus que Francisco teve pessoalmente. Deus se lhe mostrou de maneira humilde, sobretudo na pessoa de Jesus de Nazaré. A humildade de Deus tornava os irmãos capazes de abrirem seus corações à presença do Espírito Santo até no meio dos sarracenos.

Chegaram a admirar a religiosidade dos muçulmanos, o livro sagrado deles, os nomes santos que deram a seu Deus e a contínua convocação à oração. Porém, essa tolerância não incluiu o abandono da própria identidade cristã. Com franqueza, os irmãos professaram sua fé cristã.

Anunciar „... quando o julgarem agradável ao Senhor”

3.3.

Anúncio e batismo vêm em segundo lugar, isto é, depois do testemunho de vida e a obrigação „*de ser submisso*”. O exemplo vivido fala mais alto que muitas palavras: „*mais pelo exemplo que pela palavra*” (Leg3C 36). A tradição teológica a respeito da importância do batismo dizia outra coisa: na consciência eclesial, a salvação ou a perdição da pessoa, sua felicidade ou sua desgraça se decidiam pela conversão e pelo batismo.

O testemunho dado através de um estilo de vida simples obrigava todos os frades. Até os irmãos que haviam recebido a missão de pregar deviam primeiro escutar e esperar um sinal de Deus, antes de fazer suas exortações. Não são donos da palavra, mas têm a obrigação de ouvir primeiro, para descobrir o que seja „*agradável aos Senhor*”. Aliás,



também o Papa Inocêncio III esperava um sinal de Deus; porém, no seu entender, seria um sinal para começar a guerra.

Além disso, convém lembrar que, para os islâmicos, faz parte de sua vida esperar sinais de Deus. Tudo que fazem é „*inshallah*“, ou seja, „*se Deus quiser*“.

Depois de descobrir a presença viva de Deus no meio dos muçulmanos, Francisco colocou para si e para os irmãos a pergunta: „*Será que agora chegou o momento agradável a Deus para que possamos começar a pregar aos sarracenos?*“ Deus é seu „*Criador e Redentor*“ (RegNB 16,7), vivo e presente também no meio deles. Portanto, Deus ultrapassa as fronteiras da Cristandade e a limitação de conceitos teológicos. Seguramente, esse Deus não excluiria os sarracenos de sua bondade infinita. Não era razoável, portanto, esperar por um sinal de Deus e deixar que ele tomasse a iniciativa, a fim de marcar a hora de anunciar-lhes a verdade da fé e da redenção?

Por que tipo de sinais deviam esperar? Francisco não entra em pormenores. Seguramente, Deus não quer que haja „*rixas e disputas*“ causadas pelas pregações dos irmãos. Também qualquer sentimento de superioridade devia ser excluído. Formulado de modo positivo: agrada a Deus edificar a partir de um espírito de estima e de respeito mútuos. Este ambiente pode existir somente, se os irmãos iniciarem o diálogo de vida, ou seja, o primeiro modo de ir entre os sarracenos.

Anunciar a Palavra de Deus

3.4.

Seria supérfluo querer anunciar aos sarracenos um Deus „*todo-poderoso*“, pois esta fé no poder absoluto de Deus é comum tanto a cristãos, como a muçulmanos. Porém, Francisco dá mais um passo, acrescentando a fé num Deus trino, sem fazer críticas nem observações negativas sobre a fé do Islã ou à pessoa do profeta Maomé. Para Francisco, a fé na Santíssima Trindade não é somente uma fórmula, mas pode ser experimentada concretamente na vida, através da Criação, da Redenção e da Santificação.

Quais são os irmãos que recebem a missão de pregar? Uma coisa é certa: nenhum deles tem o direito de apropriar-se por conta própria do ministério de pregar a palavra (cf. RegNB 17,4); mas todos os irmãos – indistintamente – têm a obrigação de pregar através de seu exemplo. Em que consiste, então, a tarefa específica dos sacerdotes que começaram em número crescente a juntar-se à Ordem? Uma vez que a administração do batismo – como fruto do anúncio – é reservada aos sacerdotes (cf. RegNB 16,7), Francisco confiava explicitamente aos sacerdotes as tarefas de anunciar (= *praedicatio*) e de batizar. Além disso, a pregação sobre a Trindade de Deus exige uma formação teológica que antigamente era reservada exclusivamente aos sacerdotes.

Batismo ou rejeição?

3.5.

A pregação pode ter efeitos opostos: ou leva à aceitação da fé cristã e ao batismo, ou é rejeitada com protestos e resistências, podendo acarretar até a perseguição e o martírio. Somente é lícito batizar ou pregar quando for „*agradável a Deus*”. A citação de Jo 3,5, sobre a necessidade do batismo para a salvação, não parece muito lógica neste contexto. Se fosse assim, então não seria preciso esperar por um sinal ulterior do agrado de Deus. Possivelmente, a citação deste trecho de S. João entrou no texto da Regra sem muita reflexão, ou se trata de um acréscimo feito posteriormente. (Sabemos, por exemplo, que César de Speyer foi encarregado de adornar e enfeitar a Regra Não-Bulada de Francisco com citações bíblicas.)

Parece mais importante todavia, que – neste texto – Francisco exorte os irmãos a não vacilarem e a não se envergonharem do Filho do Homem (cf. RegNB 16,8).

Portanto, é sempre possível que a mensagem do Evangelho seja recebida por protestos, recusas e contradições. Francisco só tem um conselho, válido para todos, a dar para os irmãos que passam por esta experiência: terão que seguir o exemplo de Jesus que se entregou aos homens (cf. RegNB 16,10s). Nisso consiste o âmago da obediência e da minoridade.

O estatuto missionário começa com a palavra de Jesus: „*Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos*” (Mt 10,16). Portanto, todo o capítulo 16 está sob o lema que relembra explicitamente o risco do envio. Assumir a missão pode custar a vida. Quem se expõe como Jesus fez, tem que contar com um destino semelhante ao dele. E de fato, os primeiros irmãos tiveram ocasião para sentir isto na própria pele (cf. CrJoJa 5s).



Consequências do ideal missionário franciscano

4.

Não sabemos até que ponto o ideal sublime de Francisco foi realizado concretamente. Sabemos, contudo, que os primeiros mártires da Ordem franciscana, que morreram em Marrocos, não se deixaram guiar por esse espírito. A convivência pacífica entre cristãos e muçulmanos era coisa natural naquele país até que esses irmãos chegaram, demonstrando um comportamento imprudente (cf. RegNB 16,1). Pronunciaram injúrias contra a pessoa de Maomé até que os próprios cristãos que ali estavam ficaram indignados e levaram os irmãos de volta ao navio. Mas os frades retornaram, continuando com sua polêmica e, por fim, acabaram decapitados pelos muçulmanos.



Estudos atuais sobre Clara de Assis demonstraram que também Clara pensava em ir a terras de missão para ali sofrer o martírio. Estava disposta a deixar a clausura do mosteiro de São Damião, para procurar imitar o exemplo dos cinco mártires de Marrocos. Esse momento dramático de sua vida consta nas atas do processo de sua canonização: „A Dama Clara estava tão abrasada pelo fogo do espírito, que queria sofrer o martírio por amor do Senhor. Ao ouvir que alguns frades foram ao Marrocos onde sofreram esta morte, ela queria ir também” (ProcC 6,6). Uma outra testemunha confirmava: „Por amor a Deus, ela teria preferido sofrer o martírio para defender sua fé e sua Ordem. Antes de adoecer, teve o desejo de ir ao Marrocos, onde – como se dizia – os frades sofreram o martírio” (ProcC 7,2). Que as duas testemunhas, Irmã Cecília e Irmã Balvina, se lembraram deste desejo de Clara ainda em 1253, ou seja, 33 anos depois do acontecimento, prova a seriedade e a historicidade do seu testemunho.

Aliás, a história missionária da Ordem franciscana está cheia de exemplos semelhantes, positivos ou negativos (cf. Lição 8). A seguir, iremos descrever duas conseqüências imediatas para Francisco de Assis:

Sinais ecumênicos

4.1.

Quando estava no Oriente, Francisco viveu em seu íntimo o convite do almuadem (= salât) pelo qual o povo é convocado para a prece, devendo o crente inclinar-se profundamente até o chão. Numa carta Francisco



retoma esse costume islâmico, pois se sentia a tal ponto tocado por esse louvor a Deus da parte dos muçulmanos que desejava ter um sinal semelhante no Ocidente. O louvor a Deus deve unir cristãos e muçulmanos. Por isso, acentuando, fala ele de „toda a terra” ou do „mundo inteiro”, quando escreve:

„Anunciai e pregai a todo o povo o seu louvor, de modo que a toda hora, ao dobrar dos sinos, o povo todo no mundo inteiro renda sempre graças e louvores ao Deus onipotente” (1CtCust 8; cf. CtOrd 4).

O que escreveu, na citada carta, a todos os responsáveis da Ordem dos Menores, repetiu-o em um escrito aos políticos daquele tempo. Pois Francisco estava ciente de que se tratava, aqui, de um assunto público, que

somente podia ser imposto com a ajuda do „braço secular”:

„Diante do povo que vos foi confiado, prestai ao Senhor este testemunho público de veneração; todas as tardes, mandai proclamar por um pregoeiro, ou anunciar por algum sinal, que todo o povo deverá render graças e louvores ao Senhor Deus todo-poderoso” (CtGov 7).

Por meio deste sinal, a fé comum no Deus todo-poderoso encontraria uma expressão comum. Lamentavelmente, esse apelo não foi executado de imediato. No toque do Angelus, introduzido mais tarde, pelo qual São Boaventura muito trabalhou, de certo modo realizou-se o desejo de Francisco, mas sem referência ao „salât” e sem o alcance ecumênico, como fora a intenção primeira de Francisco.

Atualmente, uma teologia da bondade de Deus, que inclui os islâmicos, está reforçando o diálogo entre cristãos e muçulmanos.

Unidade de vida e de missão

4.2.

O encontro de Francisco com o sultão foi um evento importante na sua vida e marcou sua evolução espiritual. Seus biógrafos tendem a subestimar este fato, focalizando somente os acontecimentos políticos e o fracasso na tentativa de converter o sultão (cf. 1Cel 55). Na realidade, o encontro aprofundou o entendimento de Francisco. Alegrou-se com a presença viva de Deus entre os muçulmanos, porque eles adoram o Senhor de modo impressionante, conhecendo seu Deus através de um livro sagrado, de modo semelhante aos cristãos. Possivelmente, Francisco sonhava com um mundo onde muçulmanos e cristãos se enriqueceriam mutuamente com as idéias que ambos faziam de Deus.

Essa hipótese nos dá uma compreensão mais profunda de sua vida. Durante suas viagens missionárias, sua visão de Deus foi confirmada. Em contraste com a convicção dos cruzados, cujo Deus é um Deus guerreiro, o Deus dos irmãos franciscanos se revelava em Jesus como um Deus humilde. Esse Deus humilde e servidor, revelado pela vida terrestre de Jesus, ajudou Francisco a fazer uma releitura da Bíblia (cf. Mt 16,24 – RegNB 1,3; Mt 19,19 – RegNB 1,5; Mt 5,39 – RegNB 14,4).

Tanto Francisco como o papa leram os mesmos textos sagrados, porém, as compreenderam em sentido oposto: Para a autoridade eclesial, o texto sobre „carregar a Cruz de Jesus” significava a reconquista dos lugares santos, enquanto que para Francisco as mesmas palavras foram um convite a uma vida sem posses e sem violência. Daí Francisco ter entendido que sua missão de paz derivava diretamente de uma „*inspiração divina*” (RegNB 16,3). Logicamente, não podia contar com a compreensão daqueles que se armaram para a guerra.





Francisco pregando aos muçulmanos

A unidade de vida e missão tem mais uma consequência. Francisco era próximo do povo comum no ambiente próprio dele: nos campos e nas oficinas, nas suas casas e nos hospícios dos leprosos, onde os irmãos serviam às pessoas, trazendo-lhes a paz. A procura da verdade seguia o mesmo processo. A vida se assemelha a uma viagem, onde se descobre a presença de Deus no meio de outros povos e onde se fica atento ao que Deus lhes fala através de novas situações. Francisco se recusava a entrar em disputas e discussões, porque estava convencido de que Deus é humilde. Os seres humanos não são nem senhores nem donos da verdade, mas investigadores da verdade, onde ela aparece na história da humanidade e em toda a criação.

Essa proximidade para com os outros e a prontidão de servi-los corresponde mais a uma espiritualidade leiga do que a espiritualidade dos clérigos. Por isso, quando a clericalização da Ordem começou a se impor, a espiritualidade de Francisco ficou em perigo mortal. Não é de se admirar, portanto, que a espiritualidade do „*submeter-se a todos*” já não conste na Regra de 1223. Quando Francisco escreveu no seu Testamento „*E eu trabalhava com as minhas mãos e quero trabalhar. E quero firmemente que todos os outros*

irmãos se ocupem num trabalho honesto” (Test 20), essas palavras são como que um eco distante e triste do seu antigo sonho.

Conforme seu axioma de evangelizar mais pelo exemplo do que por palavras, Francisco nunca considerou a pregação como um dos seus deveres mais prementes. A Igreja do seu tempo foi de outra opinião. A pregação da verdade tinha uma primazia essencial e foi considerada indispensável para garantir a salvação. Francisco, por sua vez, deduziu sua inspiração de uma convicção diferente, que reconhecia a presença de Deus também entre os muçulmanos, onde realizou muitos prodígios também no meio deles. Frente ao Islã, Francisco não assume nem uma atitude negativa, nem restringe a imagem de Deus dentro dos confins da Cristandade ou de uma teologia culturalmente contaminada. Pelo contrário, Francisco se entrega ao mistério divino da salvação, que abrange toda a humanidade, e espera pela inspiração divina antes de tomar uma decisão e agir.



Conclusão

5.

Em toda sua pureza, a visão missionária de Francisco durou pouco.

Nos primeiros tempos, quando os irmãos formularam sua compreensão da missão e do trabalho pela paz na Regra Não-Bulada, distanciaram-se da opinião comum da Igreja do seu tempo, que estava ocupada com a guerra e a sujeição dos inimigos.

No fim da vida de Francisco, uma oposição crescente dentro da Ordem se decidiu por uma estrutura mais conformista, hierárquica e clerical, colocando-se em oposição à idéia de uma fraternidade leiga, assim como foi vivida no início do movimento.

No decorrer da história, sucessores de Francisco voltaram repetidamente aos seus ideais; porém, esses esforços – na maior parte das vezes –, sofreram um destino semelhante ao do tempo da fundação. Atualmente, temos a tarefa de entender a missão de modo novo e de refundar a vida religiosa. Em conseqüência, não devíamos ter medo de recaptar a visão original de Francisco. Era realmente prematura para seu tempo, continua sendo revolucionário até hoje e poderia – *„inshallah!”* (= „se Deus quiser”) – constituir uma ponte excelente para um tempo de diálogo e de engajamento coletivo em prol da paz.



Fontes eclesiais e franciscanas*

Bíblia	Mt 10; 16,24; Lc 9,26; Jo 1,14; 10,10; 12,50; 14,9; 16,5-15; Rm 8,15; 1Cor 12,3; 2Cor 3,6; 1Jo 3,23; 4,8; 1Pd 2,12
Documentos da Igreja	
Fontes	1CtCuts 8; CtGov 7; VePeAl; RegNB 1,3.5; 14-17; RegB 1,5; 12; Test 19s; 1Cel 29,55s; Leg3C 36; LegM 9,8; CrJoJa 5; HistOcc 32; 1Ctln 15s; 2Ctln 15s; 4Ctln 22; ProcC 6,6; 7,2
Documentos interfranciscanos	
OFM – OFMCap – OFMConv	Constituições Gerais OFM, cap. 5, art. 87; 89; 93; 95; 100; 118
OSC (Clarissas)	
OSF (TOR)	Regra No 9; 29; 30
OFS	Regra No 17,1s; 101,1s; 31; 50
Suplementos	

* As fontes podem ser anotadas pelo(s) participante(s) do curso.



Exercícios

1.

Na sua carta *Quia Maior*, de 19 a 29 de abril de 1213, o Papa Inocêncio III convoca „em nome de Deus e de Jesus Cristo” todas as províncias da Cristandade latina do seu tempo a participarem da Cruzada.

Quem participa da Cruzada recebe a promessa: „Ele (Jesus) proclama com sua voz dizendo: ‘Se alguém me quiser seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga’ (Mt 16,24), ou, para dizê-lo mais claramente: ‘Se alguém quiser seguir-me até a coroa, que me siga também na luta, oferecida a todos como provação.’”

Quem se recusa, recebe a ameaça: „O rei dos reis, o Senhor Jesus Cristo, os julgará pelo vício da ingratidão e pelo crime da infidelidade, caso deixem de acorrer para lhe prestar ajuda, uma vez que – assim como é o caso – ele foi expulso do seu reino que havia adquirido pelo preço do seu sangue. Portanto, saibam que todo aquele que nesta hora de perigo recusar o serviço ao seu Redentor, acumula uma culpa pesada e será culpado severamente.”

Tarefas e perguntas:

1. Leia e compare as diferenças entre a interpretação de Mt 16,24 feita pelo Papa Inocêncio III e por Francisco na Regra Não-Bulada 1,3.
- 2) Depois de estudar a presente Lição, como você enxerga a relação entre PAZ e MISSÃO?



2.

Leia a narrativa sobre „a perfeita alegria”:

„Vindo uma vez São Francisco de Perusa para S. Maria dos Anjos com Frei Leão em tempo de inverno, e como o grandíssimo frio fortemente o atormentasse, chamou Frei Leão, o qual ia mais à frente, e disse assim: „Irmão Leão, ainda que o frade menor desse na terra inteira grande exemplo de santidade e de boa edificação, escreve todavia, e nota diligentemente que nisso não está a perfeita alegria.” E andando um pouco mais,



chama pela segunda vez: „Ó irmão Leão, ainda que o frade menor desse vista aos cegos, curasse os paralíticos, expulsasse os demônios, fizesse surdos ouvirem e andarem coxos, falarem mudos, e mais ainda, ressuscitasse mortos de quatro dias, escreve que nisso não está a perfeita alegria.” Andando um pouco mais, São Francisco gritou com força: „Ó irmão Leão, se o frade menor soubesse todas as línguas e todas as ciências e todas as escrituras e se soubesse profetizar e revelar não só as coisas futuras, mas até mesmo os segredos das consciências e dos espíritos, escreve que não está nisso a perfeita alegria.” E andando um pouco além, São Francisco chama ainda com mais força: „Ó irmão Leão, ovelhinha de Deus, ainda que o frade menor falasse com língua de anjo e soubesse o curso das estrelas e as virtudes das ervas; e lhe fossem revelados todos os tesouros da terra e conhecesse as virtudes dos pássaros e dos peixes e de todos os animais e dos homens e das árvores e das pedras e das raízes e das águas, escreve que não está nisso a perfeita alegria.” E caminhando um pouco, São Francisco chamou em alta voz: „Ó irmão Leão, ainda que o frade menor soubesse pregar tão bem que convertesse todos os infiéis à fé cristã, escreve que não está nisso a perfeita alegria.”

E durante este modo de falar pelo espaço de duas milhas, Frei Leão, com grande admiração, perguntou-lhe e disse: „Pai, peço-te, da parte de Deus, que me digas onde está a perfeita alegria.” E São Francisco assim lhe respondeu: „Quando chegarmos a S. Maria dos Anjos, inteiramente molhados pela chuva e transidos de frio, cheios de lama e aflitos de fome, e batermos à porta do convento, e o porteiro chegar irritado e disser: ‘Quem são vocês?’; e nós dissermos: ‘Somos dois dos vossos irmãos’, e ele disser: ‘Não dizem a verdade; são dois vagabundos que andam enganando o mundo e roubando as esmolas dos pobres; fora daqui!’; e não nos abrir e deixar-nos estar ao tempo, à neve e à chuva com frio e fome até a noite: então, se suportarmos tal injúria e tal crueldade, tantos maus-tratos, prazenteiramente, sem nos perturbarmos e sem murmurarmos contra ele e pensarmos humildemente e caritativamente que o porteiro verdadeiramente nos tinha reconhecido e que Deus o fez falar contra nós: ó irmão Leão, escreve que nisso está a perfeita alegria.

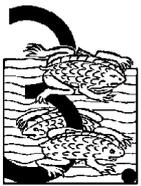
E se perseverarmos a bater, e ele sair furioso e como a importunos malandros nos expulsar com vilanias e bofetadas dizendo: ‘Fora daqui, ladrõezinhos vis, vão para o hospital, porque aqui ninguém lhes dará comida nem cama’. Se suportarmos isso pacientemente e com alegria e de bom coração, ó irmão Leão, escreve que nisso está a perfeita alegria. E se ainda, constrangidos pela fome e pelo frio e pela noite, batermos mais e chamarmos e pedirmos pelo amor de Deus com muitas lágrimas que nos abra a porta e nos deixe entrar, e se ele mais escandalizado disser: ‘Vagabundos importunos, pagar-lhes-ei como merecem’; e sair com um bastão nodoso e nos agarrar pelo capuz e nos atirar ao chão e nos arrastar pela neve e nos bater com o pau de nó em nó: se nós suportarmos todas estas coisas pacientemente e com alegria, pensando nos sofrimentos de Cristo bendito, as quais devemos suportar por seu amor;

ó irmão Leão, escreve que aí e nisso está a perfeita alegria.

E ouve, pois, a conclusão, irmão Leão. Acima de todas as graças e de todos os dons do Espírito Santo, os quais Cristo concede aos amigos, está o de vencer-se a si mesmo, e voluntariamente pelo amor suportar trabalhos, injúrias, opróbios e desprezos, porque de todos os outros dons de Deus não nos podemos gloriar por não serem nossos, mas de Deus, do que diz o Apóstolo: 'Que tens tu que não hajas recebido de Deus? E se dele os recebeste, por que te gloriasses como se o tivesses de ti?' Mas na cruz da tribulação de cada aflição nós nos podemos gloriar, porque isso é nosso e assim diz o Apóstolo: 'Que tens tu que o não hajas recebido de Deus? E se dele o recebeste, por que te gloriasses como se o tivesses de ti?' Mas na cruz da tribulação de cada aflição nós nos podemos gloriar, porque isso é nosso e assim diz o Apóstolo: 'Não me quero gloriar, senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo.' Ao qual sejam dadas honra e glória in secula saeculorum. Amém" (VePeAl).

Pergunta:

O que tem a ver a narrativa sobre a perfeita alegria com o método missionário de Francisco?



3.

Complete o que foi dito no Exercício anterior, com a leitura da Carta aos governantes dos povos e o início da Carta aos fiéis (segunda recensão):

1. Carta aos governantes dos povos

„A todos os podestás, cônsules, juízes e regentes do mundo inteiro, e a todos quantos receberem esta carta, Frei Francisco, mísero e pequenino servo do Senhor, deseja saúde e paz. Considerai e vede que 'se aproxima o dia da morte' (Gn 47,29). Peço-vos, pois, com todo o respeito de que sou capaz que, no meio dos cuidados e solitudes que tendes neste século, não esqueçais o Senhor nem vos afasteis dos seus mandamentos. Pois todos aqueles que o deixam cair no esquecimento e 'se afastam dos seus mandamentos' são amaldiçoados (cf. Sl 118,21) e serão por Ele 'entregues ao esquecimento' (Ez 33,13). E quando chegar o dia da morte, 'tudo o que entendiam possuir ser-lhes-á tirado' (cf. Lc



8,18). E quanto mais sábios e poderosos houverem sido neste mundo, tanto maiores 'tormentos padecerão no inferno' (cf. Sb 6,7).

Por isso aconselho-vos encarecidamente, meus senhores, que deixeis de lado todos os cuidados e solitudes e recebais com amor o santíssimo corpo e o santíssimo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, por ocasião de sua santa memória.

Diante do povo que vos foi confiado, prestai ao Senhor este testemunho público de veneração: todas as tardes mandai proclamar por um pregoeiro, ou anunciai por algum sinal, que todo o povo deverá render graças e louvores ao Senhor Deus todo-poderoso. E se não o fizerdes, sabeí que haveis de dar conta perante vosso Senhor Jesus Cristo no dia do juízo (cf. Mt 12,36).

Os que levarem consigo este escrito e o observarem, saibam que serão abençoados por Deus nosso Senhor" (CtGov).

2. Carta aos fiéis (segunda recensão)

„Em nome do Senhor: do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

A todos os cristãos que vivem religiosamente, clérigos e leigos, homens e mulheres, a todos os que habitam no mundo universo, Frei Francisco, de todos servo e vassalo, saúda com reverente dedicação e deseja a verdadeira paz do céu e sincera caridade no Senhor.

Sendo servo de todos, a todos devo servir as odoríferas palavras de meu Senhor. Por isso, considerando que não posso visitar a cada um em particular, por causa da enfermidade e debilidade do meu corpo, fiz o propósito de comunicar-vos por meio das presentes letras e de mensageiros as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é a Palavra do Pai, bem como as palavras do Espírito Santo, que são 'espírito e vida' (Jo 6,64)" (2Ctfi 1-3).

Pergunta:

Como Francisco consegue relacionar sua humildade com sua consciência de ter recebido uma missão?



Compare o capítulo 16 da Regra Não-Bulada com o capítulo 12 da Regra Bulada:

Capítulo 16 da Regra Não-Bulada:

Dos que quiserem ir para entre os sarracenos e outros infiéis

1 Diz o Senhor: „Eis que vos envio como ovelhas ao meio dos lobos;

2 sede pois prudentes como serpentes e simples como pombas” (Mt 10,16).

3 Se pois houver irmãos que quiserem ir para entre os sarracenos e outros infiéis, que vão com a licença de seu ministro e servo.

4 Se o ministro reconhecer que eles são idôneos para serem mandados, dê-lhes a licença e não a recuse;

5 pois terá que dar contas ao Senhor (cf. Lc 16,2), se nisto ou em outras coisas agir sem a devida discrição.

6 E os irmãos que partirem poderão proceder de duas maneiras espiritualmente com os infiéis:

7 O primeiro modo consiste em absterem-se de rixas e disputas, submetendo-se „a todos os homens por causa do Senhor” (1Pd 2,13) e confessando serem cristãos.

8 O outro modo é anunciarem a palavra de Deus quando o julgarem agradável ao Senhor:

9 que creiam no Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, Criador de todas as coisas; no Filho, Redentor e Salvador;

10 e se façam batizar e se tornem cristãos, porquanto „quem não nascer da água e do Espírito Santo não pode entrar no reino dos céus” (Jo 3,5).

11 Estas e outras coisas agradáveis ao Senhor poderão dizer a estes e a outros;

Capítulo 12 da Regra Bulada:

Dos que querem ir para entre os sarracenos e outros infiéis

1 Quaisquer dos irmãos que, por inspiração divina, quiserem ir para entre os sarracenos e outros infiéis, peçam, para isso licença a seus ministros provinciais.

2 Os ministros, porém, não dêem licença de partir senão aos que virem idôneos para serem mandados.



12 pois diz o Senhor no Evangelho: „Todo aquele que me confessar diante dos homens, eu também o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mt 10,32).

13 „Quem se envergonhar de mim e de minhas palavras, dele se envergonhará o Filho do homem quando vier em sua glória, na glória do Pai e dos santos anjos” (Lc 9,26).

14 E todos os irmãos – onde quer que estejam – considerem que se entregaram ao Senhor Jesus Cristo e lhe deram direito sobre seus corpos. Por amor a ele, devem expor-se aos inimigos, visíveis e invisíveis; pois diz o Senhor:

15 „Quem perder a sua vida por causa de mim, salvá-la-á” (Mc 8,35) para a vida eterna.

16 „Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5,10).

17 „Se me perseguirem a mim, também perseguirão a vós” (Jo 15,20). 18 „Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra” (Mt 10,23).

19 „Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, insultarem e perseguirem e vos expulsarem e escarnecerem e injuriarem vosso nome como réprobo e falsamente disserem contra vós todo gênero de mal por minha causa. Alegrai-vos e regozijai-vos naquele dia, porque grande será a vossa recompensa no céu!” (Mt 5,11-12; Lc 6,22-23).

21 „A vós, meus amigos, advirto.

22 Não vos deixeis atemorizar por eles! Nem tenhais medo dos que matam o corpo, e nada mais podem fazer” (Mt 10,28). „Não vos perturbéis” (Mt 24,6), pois „por vossa paciência salvareis vossas almas” (Lc 21,19).

23 „O que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 10,22).

3 Além disso, pela obediência imponho aos ministros a obrigação de pedir ao Senhor Papa um dos cardeais da santa Igreja Romana, que seja governador, protetor e corretor desta irmandade, para que, sempre súditos e sujeitos aos pés da mesma santa Igreja, firmes na fé católica, guardemos a pobreza e a humildade e o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo como firmemente prometemos.

[A ninguém, pois, seja lícito infringir esta página de nossa confirmação, ou contrariá-la por temerária ousadia. Se, contudo, alguém o presumir fazer, saiba que incorre na indignação de Deus todo-poderoso e dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo. Dada em Latrão, aos 29 dias do mês de novembro, no oitavo ano do nosso Pontificado.]

Pergunta:

Quais são as concordâncias e quais as diferenças (omissões) que você consegue identificar ao comparar estes dois textos?



Aplicações

V.

1.

Pergunta:

Que experiências você já fez com irmãos ou irmãs franciscanos durante seus engajamentos missionários?



2.

Perguntas:

Que importância têm os fundamentos do método missionário franciscano para seu campo de atuação missionária?

- sob inspiração divina?
- submisso a todas as criaturas por causa de Deus?
- „*Inshallah*” (= „se Deus quiser“)?
- sem rixas e disputas?



Bibliografia

Asseldonk, O. van,

- „Le lettere di S. Pietro negli scritti di S. Francesco”. In: Collectanea Franciscana 48 (1978) 67s.
- „Verso un cuore puro con la pura, semplice e vera pace dello spirito (RegNB 17,15)”. In: Laurentianum 33 (1992) 481-531.

Basetti-Sani, G.,

L’Islam e Francesco d’Assisi. La missione profetica per dialogo (Florença 1975)

Beer, F. de,

François, que disait-on de toi? (Paris 1977)

Bey, H. von der,

- Der Herr gebe dir den Frieden (Werl 1990)
- Vom kolonialen Gottesexport zur befreienden Mission. Eine franziskanisch orientierte Theologie einer inkulturierten Evangelisierung (Bonn 1996)

Boff, L. e Bühlmann, W.,

Os franciscanos ante os desafios do terceiro mundo (Mattli 1982) (Petrópolis 1983)

Bühlmann, W.,

Das Missionsverständnis bei Franziskus nach der Regula non bullata: A. Camps e G. Hunold, Erschaffe mir ein neues Volk. Franziskanische Kirchlichkeit und missionarische Kirche (Mettingen 1982) 13-29

Camps, A. / Hunold, G.W. (edit.),

Erschaffe mit ein neues Volk. Franziskanische Kirchlichkeit und missionarische Kirche (Mettingen 1982)

Daniel, E.R.,

The Franciscan Concept of Mission in the High Middle Ages (Lexington 1975)

Desbonnets, T.,

De l’intuition à l’institution (Paris 1983)

Esser, K.,

- Anfänge und ursprüngliche Zielsetzungen des Ordens der Minderbrüder (Leiden 1966)
- „Das missionarische Anliegen des hl. Franziskus”. In: Wissenschaft und Weisheit 35 (1972) 12-18.

Flood, D.,

- Die Regula non bullata der Minderbrüder (Werl 1967)
- Francis of Assisi and the Franciscan Movement (Quezob City 1989)
- „Peace in Assisi in the Early Thirteenth Century“. In: Franziskanische Studien 64 (1982) p. 67-89

Godet, J.-F.,

Le rôle de la prédication dans l'évolution de l'Ordre des Frères Mineurs d'après les écrits de saint François. Franziskanische Studien 59 (1977) p. 53-64

Golubovich, G.,

San Francesco e i Francescani in Damietta. Studi Francescani 12 (1926) p. 307-330

Hoerberichts, J.,

- Franciscus en de Islam (Essen 1994)
- „Paus Johannes Paulus II en de Islam“. In: Wereld en Zending 21 (1992) 22-38.
- „Solidarieteit en dienstbaarheid. Dialoog in Franciskaans perspectief“. In: Franciskaans Leven 73 (1990) 212-227.

Iglesias, F.,

„The prophetic originality of St Francis“. In: Greyfriars Review 2 (1988) p. 45-90

Jeusset, J.G.,

Dieu est courtoisie. François d'Assise, son Ordre et l'Islam (Nantes 1985)

Lehmann, L.,

- „Grundzüge franziskanischen Missionsverständnisses nach Regula non bullata 16“. In: Franziskanische Studien 66 (1984) 68-81.
- „Prinzipien franziskanischer Mission nach den frühen Quellen“. In: Laurentianum 26 (1985) 311-360.
- „Der Brief des hl. Franziskus an die Lenker der Völker. Aufbau und missionarische Anliegen“. In: Laurentianum 25 (1984) 287-324.
- „Die beiden Briefe des hl. Franziskus an die Kustoden. Ansätze für eine christliche-islamische Ökumene im Loben Gottes“. In: Franziskanische Studien 69 (1987) 3-33.

Manselli, R.,

Franziskus, der solidarische Bruder (Freiburg 1995)

Missionszentrale der Franziskaner (edit.),

- Der franziskanische Missionsauftrag in einer veränderten Welt (= Berichte – Dokumente – Kommentare 58) (Bonn 1995)
- Franziskanische Spiritualität und Evangelisation (= Berichte – Dokumente – Kommentare 64) (Bonn 1996)



Powell, J.M.,

„Francesco d’Assisi e la Quinta Crociata: Una Missione di Pace”. In: Schede
Medievale 4 (1983) p. 68-77

Vasques Janeiro, I.,

I Francescani e il Dialogo con gli Ebrai e i Saraceni nei secoli XIII-XIV.
Antonianum 65 (1990) p. 533-549

Walsh, F. e Moons, A.,

Mission in the Franciscan Tradition. Spirit and Life, 6, St. Bonaventure (Nova
Iorque 1994)

Legendas **VII.** das Ilustrações

Capa:

São Francisco. Mestre da Toscana, fim do séc. XIII, Museu franciscano, Roma.

- P. 4:** Gravura em madeira de Adriaen Collaert, baseada nos desenhos de Adam van Oort (van Noort) 1562-1641.
- P. 6:** Incêndio e incineração do templo idólatra da província de Tlaxcala pelos frades e espanhóis, lamentado pelos nativos (índios). Segundo Miguel León-Portilla, *Los Franciscanos vistos por el hombre Náhuatl* (México 1985) p. 18.
- P. 9:** Chegada dos romeiros em Damieta. Vincent de Beauvais, *Musée Condé*, Chantilly.
- P. 10:** Viagens missionárias de São Francisco.
- P. 13:** Franciscanos no meio do povo – Noviciado na Índia 1986. Fotografia: Frank Monaco.
- P. 16:** O almuadem chama os fiéis à oração. In: *Missione Francescane* 10/95.
- P. 18:** Francisco pregando. Biblioteca Apostólica, Roma.





Para refletir

Gebet der Völker

